

Analistas revisam crescimento com pessimismo

Vidal Cavalcante/AE-12/1/2001

Maior parte aposta agora em avanço da economia abaixo de 2% para este ano

SERGIO LAMUCCI
e ANDRÉ PALHANO

Bancos e consultorias já começaram a revisar para baixo suas estimativas para o crescimento da economia em 2001, por causa do mau desempenho registrado pelo PIB no segundo trimestre. A maior parte dos analistas, em estudos preliminares, passou a apostar num avanço abaixo de 2%. Mas há quem seja ainda mais pessimista, como o Banco JP Morgan, que mudou sua previsão de crescimento de 1,7% para 0,7% e acredita em recessão.

“Ainda vamos avaliar detalhadamente as causas desta surpresa no primeiro semestre, mas os resultados provavelmente nos obrigarão a revisar a projeção para um patamar abaixo dos 2%”, disse o economista-chefe do BBV Banco, Octavio de Barros, que esperava um crescimento de 2,6%. A economista Monica Baer, da MB Associados, também está revisando suas previsões, e acredita que o número deve ficar na ca-

sa de 2% – como o BBV, a MB projetava um avanço de 2,6%. Monica destaca a forte queda da indústria. “Esperávamos uma alta de 4,1%, e o crescimento foi de apenas 0,41%.”

Os números preocuparam os analistas não apenas por estarem muito abaixo das projeções do mercado, mas também pela perspectiva pouco animadora para o segundo semestre. Os dados do IBGE jogaram um verdadeiro balde de água fria sobre a percepção anterior de que a desaceleração da atividade no período seria, em boa parte, compensada por um resultado mais forte no primeiro semestre. “É preciso lembrar que os dados divulgados ainda não carregam o efeito integral dos aumentos recentes das taxas de juros ou do racionamento de energia elétrica”, disse o economista-chefe do Lloyds TSB, Odair Abate.

A grande surpresa do mercado sobre os dados do PIB trimestral divulgados ontem pelo IBGE, segundo os economistas, vem do contraste entre os indicadores da atividade econômica (produção industrial, nível de emprego, arrecadação, resposta positiva da sociedade ao racionamento etc.) e os dados fechados do PIB. “Esses dados indi-



Carvalho, do JP Morgan, acha que a economia crescerá só 0,7%

cativos vinham muito bem e os dados do IBGE acabaram sendo uma surpresa negativa para todos”, comentou Abate.

Contraditórios – O ex-presidente do Banco Central (BC) e sócio da Tendências Consultoria Integrada, Gustavo Loyola, disse que a consultoria ainda

não vai alterar sua previsão para o PIB neste ano, de crescimento de 2%. Ele destaca que alguns números divulgados pelo IBGE parecem ser contraditórios, como os da indústria. “As informações não estão compatíveis com as informações da Pesquisa Industrial Mensal, por exemplo.” Nesse cenário,

ele acredita que alguns números poderão ser revisados para cima pelo IBGE.

Abate, por sua vez, atribuiu a grande margem de erro das projeções do mercado à quantidade de variáveis que afetaram a atividade no período, muitas delas, como o racionamento de energia, de difícil mensuração. “O efeito real do racionamento é quase um tiro no escuro. Jamais foi feito um levantamento do impacto de um programa como esse sobre a atividade.” Boa parte das falhas nas projeções se deu justamente num dos setores mais “mensuráveis” pelo mercado, que é o setor industrial, abun-

dante em termos de indicadores. “O maior erro de nossas projeções veio do setor industrial, cujos indicadores conjunturais não apontavam uma desaceleração tão forte”, ilustrou o economista-sênior do Citibank, Robério Costa. Para alguns analistas, poderá haver uma certa melhora na atividade econômica no quarto trimestre, na esteira de uma eventual

recuperação da economia americana e de um desfecho para a crise da Argentina.

O economista-chefe do banco JP Morgan, Marcelo Carvalho, é um dos mais pessimistas, acreditando que há uma recessão à frente. Ele aposta que o PIB deve encolher 0,5% no terceiro trimestre em comparação com o segundo, que por sua vez recuou 0,99% em relação ao primeiro. “Se usarmos a definição clássica

de recessão, de queda do PIB por dois trimestres consecutivos em relação ao anterior, tecnicamente a economia deve entrar em recessão.”

Nesse cenário, ele revisou sua estimativa de cres-

cimento do PIB neste ano de 1,7% para 0,7%. Carvalho destaca que, como o racionamento começou apenas em junho, o impacto sobre o segundo trimestre foi menor. E a freada deveu-se também ao aperto da política monetária, incertezas no cenário político, desaceleração global, preocupações com a Argentina e queda na confiança do consumidor.

JP MORGAN
PREVÊ
QUADRO DE
RECESSÃO